

OS TRAÇOS IMPRESSIONISTAS NAS CRÔNICAS DE RAUL POMPEIA

IMPRESSIONIST FEATURES IN RAUL POMPEIA'S CHRONICLES

Me. Alex Rogério Silva
Universidade Federal de São Carlos
alexsilva@ufscar.br/alex465@gmail.com

RESUMO: Este trabalho propõe um olhar sobre as crônicas de Raul Pompeia (1863-1895), publicadas na imprensa nacional do século XIX, por meio dos folhetins. A partir de textos pertencentes a esse gênero literário, notadamente a crônica intitulada “O Carnaval no Recife”, analisaremos o que é o Impressionismo na Literatura, os traços que o caracteriza e quais deles estão presentes na obra do autor.
Palavras-Chave: Raul Pompeia, Crônicas, Impressionismo na Literatura.

ABSTRACT: This paper proposes a glance at the chronicles of Raul Pompeia (1863 - 1895), published in the 19th century national press, through leaflets. From texts belonging to this literary genre, notably the chronicle entitled “O Carnaval no Recife”, we will analyze what is Impressionism in Literature, the traits that characterize it and which of them are present in the author's work.

Keywords: Raul Pompeia, Chronicles, Impressionism in Literature.

10

1 Introdução

O Impressionismo foi um movimento que nasceu no século XIX e revolucionou profundamente a pintura, dando início às grandes tendências da arte moderna e abstrata do século XX. Esse movimento se opôs totalmente à tradição, rejeitando a perspectiva e a composição equilibrada, características das escolas artísticas anteriores. Podemos atribuir o termo “Impressionista” também à arte literária, a qual se manifesta na tentativa de buscar elementos do tempo passado, que é rememorado por meio da “impressão” provocada no autor, devido a fatos ocorridos em um dado momento.

No Brasil, um dos autores que cultivou o estilo impressionista em suas obras foi Raul Pompéia. Ele produziu no decorrer de sua breve vida (faleceu aos 32 anos) diversas obras, dentre elas: novelas, contos, romance, escritos políticos, crônicas e iconografia, o que mostra um nível intelectual elevado e uma crítica apurada acerca dos temas que rondavam o Império. Além disso, em seus escritos, muito bem articulados, percebemos traços que remontam a perspectiva impressionista.



Nesse sentido, este trabalho se propõe a analisar a vida e obra desse autor, o contexto social no qual ele estava inserido, os veículos de disseminação de suas publicações e, por fim, os traços impressionistas na obra de Raul Pompeia, analisando uma de suas crônicas, intitulada “O Carnaval no Recife”, publicada primeiramente no jornal *Gazeta da Tarde* (RJ), na edição do dia 10 de março de 1886, e posteriormente reunida na coleção das *Obras* do autor, organizadas por Afrânio Coutinho.

2 Vida e obra de Raul Pompeia

Raul Pompeia viveu em um período de grandes e importantes mudanças sociais. ele viveu 32 anos, de 1863 a 1895, período este em que várias transformações de ordem política, social e econômica eclodiram na sociedade carioca e brasileira, como a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889), que repercutiram em todo o país, inclusive no meio intelectual.

11



Fig. 1: Retrato de Raul Pompeia

Fonte: Academia Brasileira de Letras (Online). Disponível em <<http://www.academia.org.br/academicos/raul-pompeia>>. Acesso em 01/10/2019.



Nosso autor nasceu no dia 12 de abril de 1863, em uma propriedade rural localizada em Jacuacanga, Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro. Era filho do Dr. Antônio d'Avila Pompeia, homem de recursos e advogado, e Dona Rosa Teixeira Pompeia.

Sua família era rigorosa e tal fato refletiu nos traços da personalidade de Raul, bem como em seus escritos. Nesse sentido, Rodrigo Octávio salienta que:

[...] Pompeia era homem de poucos, pouquíssimos amigos. Desde muito criança, afeito ao estudo e à meditação, viveu consigo só, graças a uma vida familiar quase monástica, em que a sociedade, a animação ruidosa e fácil dos salões, não entrou. Seu pai, homem de recursos, morando em casa própria, mas retraído, casmurro, quase insociável, não visitava pessoa alguma, nem recebia visitas. A família vivia como num claustro. (OCTÁVIO, 1934, p. 32).

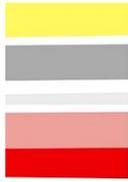
Aos dez anos, ingressou no Colégio Abílio, um internato, que o ajudou a formar sua base crítica e observadora das demandas da sociedade. Além disso, acumulou uma possível experiência sofrida, que, segundo especialistas, motivou-o a escrever posteriormente o romance *O Ateneu*. Mais tarde, transferiu-se para o Imperial Colégio D. Pedro II, local onde terminou seus estudos.

Em 1881 ingressou no curso de Direito no Largo de São Francisco, em São Paulo, e, com isso, tomou contato com o ambiente literário e com ideias de cunho abolicionista e republicano. Nesse meio tempo, tornou-se amigo de Luís Gama. Durante o curso, publicou em vários jornais, exercitando seus dons como desenhista. No Rio de Janeiro, escreveu para o jornal *Gazeta de Notícias*, no qual publicou a novela *As Joias da Coroa*, fazendo uma crítica severa contra o Império e o Imperador.

Segundo Márcia Aparecida Barbosa Viana (2008, p. 95), Raul Pompeia,

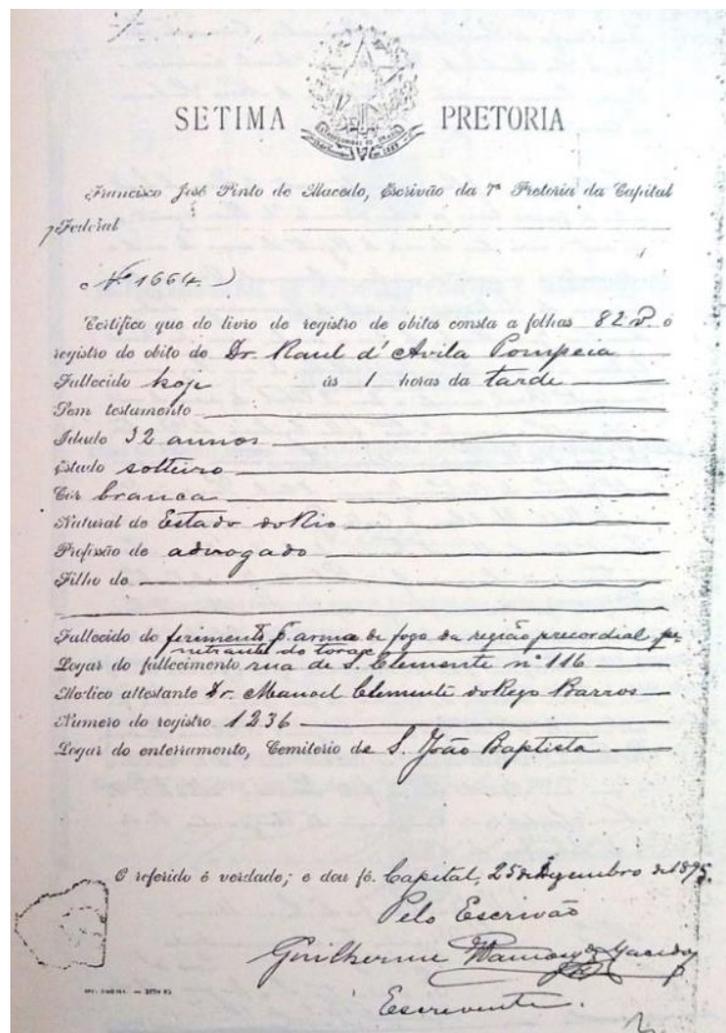
[...] Gostava de desafios, tinha consciência de sua superioridade na escrita, como geralmente acontece com as pessoas exigentes que se aventuram a assumir posições de liderança na luta por suas ideias. Inegavelmente, o autor se aplicou com seriedade, tanto no trabalho como nos estudos, porém tinha um comportamento irritadiço, explosivo, às vezes por motivos insignificantes, mais uma manifestação de sua índole perfeccionista.

Após a reprovação no terceiro ano do curso de Direito, terminou os estudos na cidade do Recife. Entretanto, exerceu a profissão durante pouquíssimo tempo. Retornando ao Rio de Janeiro, trabalhou em vários jornais, publicando crônicas, artigos, folhetins e contos. Após a



Proclamação da República, trabalhou na Escola de Belas Artes e foi diretor do *Diário Oficial* e da Biblioteca Nacional.

A situação começou a mudar a partir da morte de Floriano Peixoto em 1895. No mesmo ano, devido a um discurso exaltado na ocasião do enterro de Floriano, Pompeia foi acusado de desacato pelo então presidente Prudente de Moraes, perdendo o cargo de diretor da Biblioteca Nacional. Além disso, conflitos com outros escritores, como Olavo Bilac, fizeram com que um artigo fosse publicado no jornal *Comércio de São Paulo*, em que atacava sua moral com relação à vida privada, sendo acusado de homossexual, que o deixou transtornado.



13

Fig.2: Atestado de óbito de Raul Pompeia

Fonte: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Raul Pompeia – Obras: Miscelânea e Fotobiografia.** Vol. X. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal de Angra dos Reis, 1991, p. 313.



Abalado psicologicamente com todos os ocorridos, acabou suicidando-se aos 32 anos, no dia de natal do ano de 1895, com um tiro no coração, deixando somente um pequeno bilhete: “Ao Jornal *A Notícia* e ao Brasil, declaro que sou um homem de honra.” (LUCAS, 2012, p. 15).

Pompeia nos legou uma infinidade de textos em vários gêneros como novelas, romance, contos, crônicas, escritos políticos e também desenhos e caricaturas do período em que esteve em São Paulo. Artista exigente da escrita, disso resultou tornar-se um dos maiores estilistas da língua Portuguesa e patrono da cadeira de número 33 da Academia Brasileira de Letras (ABL), por escolha do fundador Domício da Gama.

A obra de Raul Pompeia foi organizada por Afrânio Coutinho em uma coletânea de dez exemplares, compilando os documentos pertencentes ao acervo da Biblioteca Nacional, do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (CEDAP-UNESP/Assis) e do Centro de Estudos Afrânio Coutinho (CEAC), localizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e assim distribuídos: Volume I: Preliminares e Novelas; Volume II: O Ateneu; Volume III: Contos e Novelas Curtas; Volume IV: Canções sem Metro; Volume V: Escritos Políticos; Volume VI: Crônicas I; Volume VII: Crônicas II; Volume VIII: Crônicas III; Volume IX: Crônicas IV e Volume X: Miscelânea e Fotobiografia. Segundo Márcia Aparecida Barbosa Vianna,

[...] A seriedade da pesquisa orientada por Afrânio Coutinho contribuiu para o desenvolvimento da crítica literária brasileira. Ao reeditar as crônicas de Raul Pompeia publicadas no século XIX, devolveu a sociedade um produto riquíssimo, outrora abandonado em prateleiras de bibliotecas públicas ou particulares. Hoje transformado em um acervo ‘palpável’, embora raro, ele se encontra disponível apenas para leituras eventuais, podendo ser considerado material de grande valia para estudiosos da nossa cultura nos âmbitos literário, jornalístico e histórico. (VIANNA, 2008, p. 49).

Diante do exposto, a magnitude da obra de Raul Pompeia e do trabalho de Afrânio Coutinho são incontestáveis, no sentido de expor relatos de um período histórico tão atribulado como foi o século XIX no Brasil, mas também da riqueza e minúcias da língua tão bem trabalhados por Raul, os traços e impressões da arte que nos legou e que Afrânio Coutinho nos proporcionou conhecer através da compilação que realizou na década de 1980. Nesse sentido, partindo deste quadro de vida e obra de Raul Pompeia, enveredar-nos-emos pelo mundo do



Impressionismo Literário, analisando quais são suas características, para que assim possamos verificar tais traços a partir da obra cronística pompeiana.

3 O Impressionismo na Literatura: breves considerações

O Impressionismo foi um movimento que eclodiu no século XIX, primeiramente nas artes plásticas, notadamente na pintura, e a revolucionou profundamente, dando início às grandes tendências da arte moderna e abstrata do século XX. Ele surgiu da pintura de paisagem ao ar livre executada com velocidade, captando os sentimentos no calor do momento. Tal movimento se opôs totalmente à tradição, e com isso, o público e a crítica, em um primeiro momento, reagiram muito mal, devido o costume geral com uma arte considerada “clássica”.

A primeira exposição coletiva independente ocorreu em Paris, no ano de 1874, gerando um grande alvoroço por parte do público, que não compreendeu este novo movimento. Neste sentido, a aceitação foi lenta. Contudo, o tratamento dado pelos artistas à luz nas obras foi um fator que chamou a atenção do público que visitava a exposição, bem como dos críticos.

Os impressionistas tinham por objetivo, em suas obras, representar a impressão que o artista tem em um dado momento, segundo a emoção por ele sentida, muitas vezes apresentando os objetos de forma difusa, sem contornos, e deixando visível a tinta grossa aplicada com gestos rápidos.

De acordo com Camila Mura Peres, nas artes visuais,

[...] Os objetos retratados ao ar livre, sob a luz natural, eram bastante valorizados pelos impressionistas. O volume e a solidez, características da pintura tradicional pregava como fundamentais para uma obra de arte existir, começaram a ser desrespeitados. Com efeito, esses artistas produziam suas obras fora das convenções tradicionais, preferindo seguir os efeitos do olhar e das mudanças da luz. Nesse sentido, o tempo passou a ser um fator de suma importância nessa nova abordagem estética, uma vez que os pintores procuravam reproduzir a impressão do momento, sentida por meio da união das manchas multicoloridas que formam os objetos, os quais não são pensados ou analisados fria ou cientificamente. (PERES, 2004, p.17).



Fig. 3: “O Passeio” ou “Mulher com Sombrinha” de Claude Monet

Fonte: Arte e Artistas (Online). Disponível em: <<https://arteartistas.com.br/mulher-com-sombrinha-o-passeio-claude-monet/>>. Acesso em 22/09/2019.

Atribuímos também o termo “Impressionista” à arte literária que se manifesta na rememoração por meio da “impressão” provocada no autor devido a fatos ocorridos em um dado momento. Mas na arte literária, quais seriam os recursos que o autor deveria utilizar para produzir o efeito impressionista, como ocorre nas pinturas?

Partindo deste questionamento, e observando as características do movimento nas artes plásticas, temos que o impressionismo literário se caracterizou por ser um estilo fundamentalmente descritivo e sensorial, no qual a natureza não era vista de forma objetiva, e sim, interpretada subjetivamente. Nesse sentido, as sensações e emoções são importantes no movimento e a “percepção visual do instante”, valorizando-se a cor, a atmosfera, o efeito dos tons e a valorização dos estados de alma, das emoções, que são mais destacadas que o enredo ou a ação na narrativa. Nesse sentido, depreendemos que o mais importante era o efeito em detrimento da estrutura do texto.

Dentre as características estilísticas, podemos destacar algumas, como a presença de substantivos abstratos que surgem de um adjetivo, da hipálage, do anacoluto, da metáfora, da sinestesia, da comparação e do uso de formas verbais como o gerúndio, o imperfeito do



indicativo, o infinitivo precedido pelo "a", e outras, dando a ideia de continuidade da ação. Além disso, temos o relevo da impressão por meio da vaguidade, imagens ilógicas, que aproximam realidades distantes e uma linguagem expressiva, colorida, sonora.

Franco Baptista Sandanello completa que,

[...] Há, portanto, muitas formas de apresentar o *impressionismo* literário, seja pelo primado da *descrição* seja pelo primado da *sensação*, objetivando meios termos que permitam avaliar a questão sem fazer recortes excessivos. Neste sentido, seria possível ponderar que ‘veicular a impressão tanto como percepção dos sentidos quanto dos pensamentos, aparências que se fazem reais, suspeitas que são verdadeiras, e partes que são o todo – tal foi a aspiração ‘total’ do escritor impressionista. (SANDANELLO, 2016, p. 158, 159).

Diante do exposto, o Impressionismo Literário também significou uma ruptura com a literatura até então concebida, importando-se menos com temas do que com as impressões do autor sobre determinado momento ou fato, buscando captar a interpretação e a absorção desta impressão.

17

4 Analisando o Impressionismo Literário: um olhar sobre a crônica “O Carnaval no Recife”, de Raul Pompeia

A partir das considerações acima, acerca das características do Impressionismo na Literatura, realizaremos a análise de uma obra cronística de Raul Pompeia, chamada “O Carnaval no Recife”, publicada primeiramente no jornal *Gazeta da Tarde*, no dia 10 de março de 1886, e posteriormente reunida na coleção organizada por Afrânio Coutinho.

A seguir, reproduziremos a crônica na íntegra e, a partir dela, realizaremos as análises, de maneira a perceber os traços impressionistas na obra do autor.

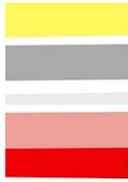
O Carnaval no Recife

(Impressão de viagem)

Às quatro da tarde, começa.

O povo alvoroçado derrama-se pelas ruas.

Encarapitam-se às guarnições de ferro das pontes, formando verdadeiros cachos humanos, cujo aspecto caprichoso a placidez das águas reproduz em grandes manchas escuras incertas que o refluxo do rio não



consegue dissolver. Apinham-se ao longo das calçadas e em toda a linha do cais; enchem as praças.

Às janelas, de todos os andares de todos os prédios, as senhoras debruçam-se, olhando, sobre a multidão, massa preta confusa de ombros e chapéus que se agita, produzindo um vasto zumbir de vozes e de passos.

Pouco a pouco, começa a negra multidão a pontear-se de cores claras.

Aqui vermelho, acolá verde, roxo àquela esquina, azul mais adiante, branco em muitos lugares. Multiplicam-se os pontos e as cores, surgem, na onda do povo, como estrelas, ao cair da noite, uns após outros, aos grupos, às porções, alinhados, dispersos.

Em meio do povo abrem-se sulcos e por aí desfilam intermináveis bandos de homens e mulheres fantasiados. Vão chegando os *maracatus*.

Antes das seis, o carnaval tem conquistado a cidade.

A massa viva dos transeuntes perde o primitivo aspecto geral de negrume, à invasão das cores claras que surgem de repente, como nascidas da calçada. Modifica-se de todo a fisionomia das ruas e das praças.

Dominava a cor preta, o caleidoscópio transformou-se; vai dominando agora o branco.

Por toda parte o *maracatu*.

O uniforme desses originalíssimos bandos de foliões é uma combinação do branco com todas as cores possíveis. O branco em dous terços, na proporção.

De cima, das altas janelas, vê-se como inundação aquele tumulto de refolhadas vestes brancas, gorros brancos que dançam, braços brancos que se elevam, alçando pandeiros, amplos calções nitentes que saracoteiam, pantufos de neve que saltitam e uma tempestade de fitas multicores, doudejantes sobre os grupos, como irados coriscos.

Presencia-se, então, o conflito das duas cores opostas. O preto e o branco, confundem-se, como no entremeado das tábuas de xadrez, ou separam-se distintos em zonas sem mescla, como na bandeira prussiana.

Giram em turbilhão, comprimem-se, repelem-se tentam de parte a parte rechaçar a cor adversa e conquistar o domínio exclusivo das ruas.

Não dura muito o combate.

Notavam-se já em diversos pontos repentinas explosões de alva poeira.

As explosões tornam-se mais frequentes. Rebentam de todos os cantos. Alvacento nevoeiro espalha-se em transparente camada sobre o povo. Começa o entrudo do polvilho.

As insolências da água nos nossos entrudos fluminenses, mal dão ideia do arrojo audaz da irreverência, do polvilho e da maisena do entrudo pernambucano.

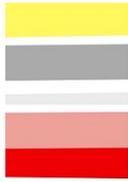
Não pode mais resistir a cor preta. O reforço do polvilho vem dar vitória ao branco.

O nevoeiro, alvacento engrossa-se. Ombros e chapéus primitivamente negros, alvejam agora como se lhes caísse a neve por cima.

Não se distingue mais o *maracatu* no meio do povo.

Não há mais chapéu, não há mais ombros. Não se distinguem braços nem pandeiros.

À medida que se vai cerrando o crepúsculo, um daqueles límpidos crepúsculos do Norte, cerra-se igualmente a tempestuosa nuvem de polvilho.



Uniforme branca opaca e imóvel substitui a perspectiva acidentada da multidão em tropel.

Dos elevados pontos de vista nada mais se percebe através da nuvem.

Ouve-se apenas lá embaixo o alarido do povo em festa e a música selvagem e rude do maracatu, meio africana meio indígena, barulhos de guizos, roncões de buzinas, trovoadas de tambores.

Ao realizarmos a leitura da crônica, percebemos uma musicalidade na forma de escrita, as cores, o movimento dançante, que em seu conjunto remontam a uma pintura e faz com que, na nossa imaginação, criemos uma tela a partir destes elementos. Raul Pompeia realiza um feito com as palavras no sentido de passar ao leitor a imersão em um cenário pictórico, que, no caso, o carnaval, transporta-nos para um clima de festividade, característica desta manifestação folclórica brasileira.

O autor realiza vários movimentos no sentido espacial, elencando em cada um deles o que ele conceitua como “esquina”, um tom diferente: “[...] Aqui vermelho, acolá verde, roxo àquela esquina, azul mais adiante, branco em muitos lugares”, focando impressões específicas do espaço.

A musicalidade é marcada através do som do *maracatu* e dos movimentos dançantes das personagens que produzem “[...] um vasto zumbir de vozes e de passos”, bem como “[...] desfilam intermináveis bandos de homens e mulheres fantasiados.”

Outro ponto que deve ser mencionado é possível desvio de sentido das cores negra e branca, a qual se contrastam e tendem a remontar à questão da miscigenação no Brasil e da situação que é retratada na crônica do negro se pintar de branco, mas que reflete a situação social do Brasil em que Raul Pompeia vivia, com relação aos negros: “[...] Presencia-se, então, o conflito das duas cores opostas. O preto e o branco, confundem-se, como no entremeado das tábuas de xadrez, ou separam-se distintos em zonas sem mescla, como na bandeira prussiana.”

Nesse sentido, podemos classificar esta crônica de Raul Pompeia como, “[...] ‘comparatista’, dada a ampla possibilidade de diálogo entre o impressionismo pictórico e o literário.” (SANDANELLO, 2016, p. 157). De acordo com Franco Baptista Sandanello, esta tendência, pertencente à segunda vertente impressionista,

[...] é aquela que o interpreta (impressionismo literário) como uma transposição do impressionismo pictórico ao meio literário, seguindo a definição inaugural de Ferdinand Brunetière (i.e., debruçando-se sobre aspectos estilísticos da prosa e da poesia, bem como sobre semelhanças



conceituais entre a pintura e a literatura, sem limitar seu *métier*).
(SANDANELLO, 2016, p. 156, 157).

Diante do exposto, temos algumas breves “impressões” da obra pompeiana, que tratam do Impressionismo Literário, cujas características podemos elencar os elementos sonoros, as tonalidades, o registro memorial dos espaços, dentre outros aspectos. No plano da iconografia propriamente dita, poderíamos associar a crônica de Pompeia analisada anteriormente, somente a título de exemplo, com a obra *Baile à fantasia* do pintor, decorador e docente Rodolfo Chambelland (1879-1967)¹.



Fig. 4: Baile à fantasia, de Rodolpho Chambelland.

Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (Online). Disponível em:
<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3392/baile-a-fantasia>>. Acesso em: 01/10/2019.

¹ Aluno livre da Escola Nacional de Belas Artes, Rodolpho Chambelland afirmou-se no meio artístico fluminense a partir da primeira década do século XX. Conquistou, na Exposição Geral de Belas Artes de 1905, com *Bacantes em festa*, o Prêmio de Viagem ao Exterior, o que lhe rendeu estada de dois anos na Europa, especialmente em Paris. Em 1911, voltou ao Velho Mundo, como membro da equipe de decoradores do Pavilhão Brasileiro na Exposição Universal de Turim, dando início a uma bem sucedida carreira como pintor de decorações públicas, que iria desenvolver durante o resto de sua vida. Na Exposição Geral de 1912, Rodolpho conquistou a Medalha de Ouro, com retrato figurando José Mariano Filho. Por fim, como uma espécie de corolário de sua consagração oficial, passou a ocupar, após concurso realizado em 1916, a cátedra de desenho de modelo vivo da Escola Nacional de Belas Artes, cargo em que se manteve até sua aposentadoria, em 1946. VALLE, Arthur, *Carnaval nas artes plásticas do Rio de Janeiro do início do século XX: uma análise de Baile à fantasia de Rodolpho Chambelland*. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 259-271, nov. 2010, p. 260-261.



Esta obra, produzida em 1913, retrata um baile carnavalesco, e, por meio dele, percebemos o movimento através da dança dos personagens, a questão da distribuição das cores na tela, seja através das vestimentas, seja pelas serpentinas e confetes que são arremessados no ambiente, tornando a tela colorida, viva e captando a impressão do pintor, partindo de uma ocasião supostamente vivida. Outro ponto considerável é o que Arthur Valle comenta de como a obra foi concebida, através de “[...] tinta aspergida, salpicada e espalhada espessamente com golpes ousados de pincel e espátula.” (VALLE, 2008, p. 1). Nesse sentido, aproxima-se muito da perspectiva das pinturas impressionistas e compactua, em certa medida, com o que foi exposto no texto de Raul Pompeia, com relação às movimentações, as cores e a musicalidade.

A partir do exposto, percebemos, por intermédio da obra pompeiana, traços singelos do Impressionismo Literário. Nesse sentido, por meio da crônica “O Carnaval no Recife”, tivemos a oportunidade de perceber como, na literatura, o impressionismo foi representado.

5 Considerações Finais

Partindo da discussão em torno do Impressionismo na Literatura e na obra de Raul Pompeia, percebemos o quão rico são os escritos deste ilustre autor, tanto do ponto de vista estético, quanto do conteúdo. Nesse sentido, é totalmente justificável o proeminente lugar que ocupa na literatura brasileira e, reflexo disso, foi tornar-se um imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL). Nesse sentido, este trabalho se propôs a analisar a vida e obra deste autor, o contexto social no qual ele estava inserido, os veículos de disseminação de suas publicações e, por fim, as tendências [e marcas] impressionistas nas crônicas pompeianas, como elas foram construídas e quais impactos causam na leitura.

Referências

COUTINHO, Afrânio (Org.). **Raul Pompeia - Obras: Crônicas II**. Vol. VII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: Oficina Literária Afrânio Coutinho: FENAME, 1981.

_____. **Raul Pompeia – Obras: Miscelânea e Fotobiografia**. Vol. X. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal de Angra dos Reis, 1991.



LUCAS, Fábio. As várias faces de Raul Pompeia e O Ateneu. **Revista Remate De Males**, 2012, nº15, p. 13-32. p. 15.

OCTÁVIO, Rodrigo. **Minhas Memórias dos Outros**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1934.

PERES, Camila Mura. **O realismo impressionista de O Ateneu**. Dissertação de Mestrado. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2004.

SANDANELLO, Franco Baptista. Por uma definição de impressionismo literário (ou para além do impressionismo na literatura). **Afluentes: Revista de Letras e Linguística**, v. 1, n. 2, jul./set. 2016.

_____. **O escorpião e o jaguar: o memorialismo prospectivo d'O Ateneu, de Raul Pompeia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. (Coleção PROPG Digital- UNESP).

SILVA, Marciano Lopes. O impressionismo romântico de Raul Pompeia. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 26, no. 1, p. 61-71, 2004.

VALLE, Arthur. Carnaval nas artes plásticas do Rio de Janeiro do início do século XX: uma análise de Baile à fantasia de Rodolpho Chambelland. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 259-271, nov. 2010.

_____. **Baile à fantasia, de Rodolpho Chambelland: A figuração do frenesi**. 19&20, Rio de Janeiro, v. III, n. 4, out. 2008. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/obras/av_rc_baile.htm. Acesso em 31/05/2019.

VIANNA, Márcia Aparecida Barbosa. **Crônicas de Raul Pompeia: um olhar sobre o jornalismo literário do século XIX**. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008.

Recebido em: 21 de outubro de 2019.

Aprovado em: 08 de dezembro de 2019.